
> Ossos do Ofício: a antropologia da multiespécie

Yiftah Peled

Doutor em Artes Visuais

Universidade Federal do Espírito Santo

Elaine de Azevedo

Doutora em Sociologia Política

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo >

O evento *Ossos do Ofício* realizado no espaço Contemporão SP, em setembro de 2019, apresentou um display com cães com nomes de artistas e proporcionou um encontro ao vivo entre cães e humanos. O evento oportunizou um encontro que será aqui discutido a partir da perspectiva da antropologia das multiespécies e da relação humano-canina. Uma breve discussão sobre humor e arte socialmente engajada também contribuem para a discussão.

Palavras-chave >

Multiespécie; Participação; Performance.

> **Ossos do Ofício: a antropologia da multiespécie**

Yiftah Peled

iD <https://orcid.org/0000-0001-9039-3642>
> yiftahpeled64@gmail.com
Doutor em Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo

Elaine de Azevedo

iD <https://orcid.org/0000-0002-9637-6111>
> elaine.azevedo.91@ufes.br
Doutora em Sociologia Política
Universidade Federal do Espírito Santo

1 Os Ossos do Ofício

O evento *Ossos do Ofício*¹, realizado no espaço de Performance, Participação e Performatividade “Contemporão”², em 21 de setembro de 2019, foi organizado pelos artistas/curadores Yiftah Peled e Máira Vaz Valente.



Figura 1 – Flyer do evento *Ossos do Ofício* (PELED, Yiftah; VALENTE, 2019).

1 O registro do evento pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGa_MHHRHyc>.

2 Mais informações sobre o espaço no site: <<https://www.contemporasp.com/>>.

O projeto foi realizado em várias etapas. Em primeiro lugar, um convite foi publicado nas redes sociais convidando cães que tinham nome de artistas a participarem do evento no espaço autônomo:

no dia 21 de setembro, das 14h30 as 17h30, o espaço Contemporão SP abre suas portas para todos os cães que tenham recebido um nome de artista das artes visuais, música, teatro, dança entre outras manifestações...Faremos um dia de convivência entre todos os cãovidados para celebrar os ossos do ofício (de ser cão e artista), incluindo coquetel com conhecida ração *do Champ* e água fresca. Teremos um fotógrafo à sua disposição para produzir imagens e compartilhar em redes sociais. O acontecimento contará com obstáculos minimalistas, uma mostra fotográfica e outras atrações, como um passeio da Cãomunidade pelo entorno e pela feira da Praça Benedito Calixto. Venha cãofraternizar e traga seu humano! Caso, por alguma razão, não possa comparecer em pata e pêlo, participe com o envio de uma imagem e seus dados caninos. Caso precise de ajuda, peça a um humano próximo para enviar esses dados e nos encaminhe para o email contato@contemporao.com

Nome do artista-cão participante:

Nome do seu humano

Motivos do nome de artista?

Seu humano é artista? sim - não

Imagens (até 3 em 300dpi, anexadas ao email)

Vai ser bom pra cachorro!

Cordiais latidos (PELED, Yiftah; VALENTE, 2019).

Após a recepção dos dados pelos organizadores, foi criado um *display* expositivo e participativo montado para a abertura do evento que incluiu a imagem do cão/artista e os textos nos quais os cuidadores dos cães relatavam como/porque o *pet* recebeu seu nome. Foram coletados dados de vinte cães que participaram do projeto. As imagens e textos foram instalados no espaço expositivo na altura dos cães. O *display* expositivo incluía nós de pano, coxas de frango de borracha, obstáculos para os cães, coleira com identificação dos nomes dos artistas, ração e potes de água, além de rede de proteção instalada na entrada do espaço.

O evento recebeu a visitação de humanos e caninos, com a presença ao vivo do cão/artista Beuys e mais sete cães visitantes com seus cuidadores. O encontro teve uma convivência lúdica e quase inteiramente pacífica entre cães; entre cães e humanos e entre humanos. Observou-se uma troca afetiva entre os humanos presentes, intermediada pela atenção que cada cão demandava.

A preocupação com a atribuição de nomes de artistas aos cães foi uma questão central dentro da qual a relação entre arte e a vida dos caninos recebeu uma dimensão performativa, ou seja, um ato de afirmação do dono em relação ao cão artista. Conteúdos sobre nomeação de cães como artistas são encontrados nas redes sociais como o site *The Dog People* que oferece uma listagem de nomes artísticos para cães alegando que “esses nomes criativos de cachorros são inteligentes, artísticos, engraçados, ou surpreendentes e vão chamar atenção nos parques”.

Nesse caso, o objetivo aparente dessas nomeações é uma estratégia para promover socialização, de modo a criar uma relação entre os donos de cães. Observados os comportamentos nos parques urbanos, nota-se que os cães se tornam interfaces entre humanos que, sem tais agentes, provavelmente se comportariam como totais estranhos. Outra motivação social para nomear cães com nomes de humanos/artistas reflete uma “tendência cultural mais ampla que abraça os cães como membros da família em vez de “apenas” animais de estimação”³.

No contexto das Artes Visuais, artistas como Eduard Munch, Frida Kahlo, Pablo Picasso, Andy Warhol, David Hockney e Lucian Freud tornaram a convivência com seus cães tema de seu trabalho artístico. William Wegman, nos anos 1970, criou uma série de fotografias de seus cachorros vestidos de humanos, denominadas de fotos performance, e nomeou seu primeiro cão performático de Man Ray (homenageando o pintor surrealista francês). O evento *Ossos do Ofício* deu continuidade à tradição da nomeação de cães com nomes de artistas através de um evento performático ao vivo, no espaço Contemporão.

O convite publicado nas redes sociais dependia da adesão de contatos, amigos e família dos organizadores, que são artistas visuais. Entretanto, houve uma variação de profissões entre os donos que aderiram ao projeto e grande parte dos pets tinham nome de músicos, outros de artistas visuais e um deles, nome de escritor: Bruscky, Consuelo Leandro, Brad Pitt, Shiro, Kafka, Otto, Tina Turner, Elvis, Beuys, Tarsila, Pina e Athos, além de dois nomeados de Ozzy, quatro Fridas Kahlos e dois Jimi Hendrix.



Figura 2 – *Ossos do Ofício*, Espaço Contemporão, SP (PELED, Shay, 2019).

³ Citações disponíveis no site The Dog People em: <<https://www.rover.com/blog/creative-dog-names/>>.

A inclusão dos dados de cada cão/artista no display no espaço do evento, permitiu a criação de um arquivo informativo com as relações declaradas entre os cuidadores e os cães artistas.



Figura 3 – *Ossos do Ofício*, Espaço Contemporâneo, SP (PELED, Shay, 2019)

Entre as motivações para dar um nome de artista ao seu *pet* ressaltam-se diversas nomações que correspondem ao mundo dos *pets* e das relações entre eles e seus cuidadores como: o comportamento do cão (sua carência de atenção e capacidade de se exibir, qualidades típicas de um ator/artista...); homenagens a seus ídolos (“eu amo a Tina Turner”); aparência similar (“provocadora e arqueira como a Frida”); parentesco (a “irmã” ou “filhote” da cadela já tinha nome de artista); consenso entre amigos; aparência (“loiro como o Brad Pitt”); sonoridade do nome (nome “escolhido” por ele quando me atendeu quando chamei); imortalidade (“como Elvis, ele não morrerá jamais”) e características da/o artista (“coragem para encarar os desafios, como a Frida!”).



Figura 4 – *Ossos do Ofício*, *display* do Brad Pitt, Espaço Contemporâneo, SP (PELED, Shay, 2019)

O evento utilizou estratégias da chamada arte socialmente engajada que tem algumas características levantadas por Azevedo e Peled (2015): ela pode ocorrer em diferentes espaços para além dos legitimados espaços comerciais ou formais da arte; são práticas com temporalidade particular que utilizam estratégias informais e democratizantes de divulgação; são práticas tipicamente colaborativas que estimulam a participação e a socialização do público e dos organizadores; focam no processo e nas interações humanas; utilizam materiais baratos, reproduzíveis e impermanentes; expandem as fronteiras estéticas; enfatizam ideias que podem ir além do objeto físico e da experiência visual; têm um forte apelo conceitual e estão centradas nas questões do seu tempo e, por fim, demandam a construção de uma linguagem crítica para um processo conceitual que se encontra em processo. Com foco nessas três últimas características, o texto vai se debruçar sobre diferentes temas que o evento *Ossos do Ofício* suscitou. De início, discutiremos a relação do ser humano com a domesticação dos animais, exacerbada na contemporaneidade e que se configurara como pano de fundo do evento.

2 Humor nos Ossos

Depois de um estranhamento inicial, as risadas foram uma das reações mais comuns de pessoas ao se inteirar do evento ou quando entravam no espaço. Apesar de fazer parte do ideário arquetípico do brasileiro, o humor é pouco discutido no cenário das Artes Visuais onde tal elemento ainda não foi bem absorvido. Apesar de já em 1966 Nelson Lerner ter adotado estratégias humorísticas/irônicas Duchampianas⁴ ao enviar para o Salão de Arte Moderna, em Brasília, seu Porco Empalhado - cujo aceite, inclusive, provocou uma crítica ao júri e uma discussão posterior para pensar a conceituação e o sistema da arte da época -, a junção entre humor e arte permanece incipiente nas Artes Visuais e na curadoria brasileira que repousam em uma seriedade pouco usual no cotidiano social do brasileiro. Em seu livro *Art and Laughter* (2007), Sheri Klein afirma que o humor promove a habilidade de ser aberto para ambiguidade, ao inesperado e ao incongruente.

Avner Ziv (1988), por sua vez, apresenta quatro possíveis funções do humor: conseguir uma solidariedade de um grupo; reduzir conflito ou maquiagem a maldade; controlar, perpetuar ou desafiar normas ou estereótipos e induzir uma experiência prazerosa. Das quatro funções, Klein indica as duas últimas como as mais ligadas à arte contemporânea e afirma que, para poder entender o humor, é necessário internalizar os comportamentos, as normas sociais e entender as interações que ocorrem no contexto social específico.

A temática do humor na arte contemporânea foi discutida por Thomas McEvilley (1991) no seu livro *Art and Discontent* que apresenta uma lista de treze itens para discutir arte. Um deles é sobre o "conteúdo que surge das atitudes/gestos (sagacidade, ironia, paródia etc.)" (p. 82) que, para o autor, pode ser qualificante de muitas categorias da arte. Para o crítico, o artista pode apresentar uma relação irônica indireta e/ou uma crítica, que altera o sentido do conteúdo. Assim como a ironia, o humor exige perspicácia e apreensão sistemática de uma dada situação. Como um reflexo deformador, o humor nos faz rever e reposicionar uma dada situação e permite uma reflexão sobre quem somos frente ao que nos tornamos.

No livro de Deleuze e Guattari (1976), "O Anti-Édipo", Michel Foucault escreveu uma introdução na qual enfatiza a importância do humor. Para o filósofo francês, o humor é um instrumento capaz de desestabilizar as verdades e desmoralizar discursos do poder. É uma arma provocadora; controlado e censurado em regimes opressores e suscetível a severas punições quando desafia o poder.

4 Em 1917, o artista Marcel Duchamp, sob o pseudônimo de Ricard Mutt, enviou um urinol para a exposição "A sociedade americana de artistas independentes", em Nova York. Teoricamente, qualquer artista que pagasse seis dólares poderia expor. Entretanto, sua peça não foi aceita para a exposição e sumiu. Através dessa irônica incorporação artística de um objeto do cotidiano para o sistema de arte como um produto cultural, o artista francês articulou sua ideia de *Ready Made*.

Mikhail Bakhtin (1987) percebe o humor como oportunidade de rir dos agentes de poder, de inverter papéis e de falar sobre o que está sendo calado: "(...) o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem" (p.11). A relação trazida por Bakhtin remete ao festivo popular e a outra época, mas permite destacar diferentes dimensões do encontro: o riso, o festivo, o participativo e o relacional percebidas nos *Ossos do Ofício*.

3 A assimetria da domesticação

Na tradição judaica ortodoxa os animais – incluindo os cães – eram tratados como seres inferiores e impuros. Tal lógica desenvolveu-se também na Grécia, sob o pensamento do filósofo Aristóteles que assumiu uma oposição ocidental entre a vida política (*bios*) e a existência animal (*zoé*), inferiorizando tal condição (SÜSSEKIND, 2018). Esses discursos canalizados para dentro do contexto ocidental moderno, se relacionam com o conceito Durkeimniano de "*homo duplex* ou o "ser dividido entre uma natureza social e uma natureza animal, organismo biológico e pessoa social" (SÜSSEKIND, 2018, p. 162). Esse autor ressalta a tensão do dualismo, denominado por Giorgio Agamben de "máquina antropológica" que desqualifica outros seres permitindo sua objetificação para a exploração⁵.

De fato, variadas espécies têm sido abduzidas pelos seres humanos e durante milênios passam por processos de seleção e cultivo para diferentes funções. Na verdade, esses processos ocorrem até mesmo entre humanos, como revelam os processos de colonização, escravidão e extermínios em massas.

Para descrever a relação entre humanos e cães, convém lembrar os termos da biologia. Anton de Barri (1873) classificou diferentes formas de relação entre espécies através de termos como: simbiose, que indica convivência em dependência entre duas espécies; a relação parasítica, na qual uma só espécie se beneficia e comensalismo e o mutualismo, quando ambas se beneficiam, sem nenhuma prejudicar a outra.

Tapper (1988) compara a relação entre o ser humano e os bichos domesticados como uma condição de escravidão. A intimidade dos poderes associados a castigos, manipulação genética, confinamento e mutilações corporais (como a castração, cortes de rabos e orelhas, por exemplo) delimitam essas interações assimétricas e subjulgantes sob o poder positivado do cuidado e manutenção da espécie.

Süssekind (2018) aponta o antropocentrismo inerente às formulações do pensamento antropológico como contribuinte para a ligação nefasta entre a imagem da animalida-

⁵ Essa relação de superioridade não é universal; por exemplo, em Nepal, a celebração milenar de *Kukor Puja* é dedicada exclusivamente aos cães e incorpora o agradecimento pela amizade e fidelidade dos cães através de um ritual de pintura com oferta de adornos e presentes aos animais.

de e a da servidão e cita Pierre Clastres, para quem o Ocidente moderno é etnocida e concomitantemente, ecocida.

Sophie Houdart (2015) discute tal assimetria sob a ótica da seletividade do cuidado:

nós aprendemos a coabitar com os animais que amamos, enquanto criamos outros para abater e comer; nós estamos assustados com a ideia de que os ambientes frágeis que nos permitem viver tornem-se insuportáveis e incontroláveis, e não cessamos de lutar contra os perigos, por vezes mortais, que eles guardam (HOUDART, 2015, p. 17, tradução livre).

A autora ressalta, ainda, que as relações com os animais implicam uma ambiguidade que pode ser vista sobre um ângulo diferente quando se aborda a separação entre espécies:

As descrições produzem, assim, muitas vezes, efeitos de desestabilização particularmente interessantes porque na relação entre um humano e um não humano são limites ontológicos, pelo que um e outro se definem essencialmente, que estão em jogo (HOUDART, 2015, p. 18, tradução livre)

O antropólogo inglês Tim Ingold (2000) dedica-se a discutir a relação entre o ser humano e os animais como uma passagem da confiança entre espécies para a dominação dos seres humanos:

meu argumento é que a transição nas relações homem-animal que, na literatura acadêmica ocidental, é descrita como a domesticação de criaturas que antes eram selvagens, deveria ser descrita como uma transição da confiança para a dominação (INGOLD, 2000, p. 75).

No caso de cães domesticados submetidos a castração, a função parece ser concentrada no aspecto comportamental que alega “tornar o bicho mais social” em espaços urbanos densos onde devem conviver somente com humanos e passam a ser objetos de substituição de afetos humanos: “é muito mais fácil criar um cachorro do que uma criança” ou “eles nunca nos traem...” são expressões ouvidas com frequência. Os animais também servem como recompensas para indivíduos afetivamente solitários que vivem na selva urbana contemporânea.

A seleção de raça, a violência da castração e retirada de garras e o controle dos comportamentos civilizam os animais antissociais, tornando-os mansos, amorosos e inclusivos socialmente. A ideia de não comprar cães, evitar os cães de raça e adotar os já existentes nos canis e ruas já problematiza essa questão que aparece ainda como pouco explorada e bastante incômoda entre os donos de animais.

Ingold (2000) sugere que o estereótipo negativo da relação do caçador com sua presa, marcado pela falta de controle, foi substituído por uma caracterização mais positiva na relação, um certo modo de engajamento. Mas, o autor reitera que:

A transição da confiança para a dominação não deve ser entendida como um movimento do engajamento para o desengajamento, de uma situação em que humanos e animais são coparticipantes no mesmo mundo para outro

em que eles se escondem em seus próprios mundos da sociedade e natureza. Muito pelo contrário, a transição envolve uma mudança nos termos do compromisso (INGOLD, 2000, p. 75).

A modificação do ambiente e do espaço de convívio animal, através da manipulação e da convivência com os humanos, vem gerando efeitos radicalizados sobre as demais espécies, como pode ser exemplificado no caso da doença da vaca louca. Ao olhar a vaca “moderna”, Irwin (2001) observa a dificuldade de fixar uma distinção entre o social e o natural, lembrando que esse animal é produto de várias gerações de modificações genéticas e controle humano de crescimento e produtividade. Assim, é muito difícil perceber onde o elemento social de produção animal industrial termina e onde a natureza intrínseca do animal começa. Nesse caso, ambos são parte de uma “rede humano-animal de interações” e um fenômeno natural passou a ser uma categoria ambígua na modernidade reflexiva (IRWIN, 2001, p. 80). Para Irwin (1995), o que é natural está mais do que nunca confundido com o social e a natureza tornou-se um espaço de decisões práticas e éticas delineadas pela reflexividade humana.

A intervenção humana chega a moldar o corpo físico dos animais para certos comportamentos. Por razões utilitaristas, raças diferentes de cães são manipuladas para exercer funções diferentes: uns para promover segurança; outros para conviver com adultos, crianças ou cegos; outros para auxiliar no tratamento de doentes; outros para performar no social ou a combinação entre variadas motivações.

As formas de manipulação genética e hibridação disponíveis pela ciência que superam a lei de seleção natural em direção ao que Harari (2018, p. 533) chama de um “produto de design inteligente” ajudaram o artista Eduardo Kack a criar, em 2000, Alba, um coelho fosforescente:

Alba – o nome que lhe foi dado por minha esposa, minha filha e eu – era adorável e carinhoso e um prazer absoluto para brincar. Quando a peguei, ela brincou com a cabeça entre meu corpo e meu braço esquerdo, encontrando finalmente uma posição confortável para descansar e desfrutar meus golpes suaves. Ela imediatamente despertou em mim um forte e urgente sentimento de responsabilidade por seu bem-estar (KACK, s/p).⁶

No discurso do artista, fica claro a relação afetiva que estabeleceu com o animal, bem como a imediata incorporação do coelho no contexto familiar. A convivência torna-se um elemento chave moldada a partir da fosforescente luz artificial da vida humana.

Com essa experiência, percebe-se uma perspectiva mais positiva dessa relação entre espécies que será explorada a seguir, a partir da teoria das multiespécies que permite pensar em diferentes formatos de engajamento.

⁶ Disponível em: <<https://arteref.com/arte-no-mundo/manipulacao-genetica-como-forma-de-arte-a-ideia-do-coelho-fluorescente/>>. Acesso em: 23 de Março de 2020.

4 Antropologia das multiespécies⁷

Süssenkind (2018) define o termo “vida multiespécie” como uma tentativa de superar a bagagem conceitual mono específica das Ciências Sociais, que se preocupou exclusivamente com os seres humanos e se apresentou em oposição a uma vida desqualificada, biológica, inarticulada de outras espécies da natureza. Para o autor,

Uma abordagem que leva esse nome seria então aquela que não define a vida nos termos exclusivistas da vida social humana, e que, ao mesmo tempo, não toma a natureza como uma realidade objetiva exterior compartilhada por qualquer cultura ou por qualquer organismo (SÜSSENKIND, 2018, p. 162).

O uso do termo “espécie” nessa teoria assume a definição de Van Dooren, Kirksey e Münster (2016, p. 38):

“Espécie” aqui não pretende, de maneira alguma, sugerir que os tipos são fixos ou homogêneos; nem deve o termo ser levado a assumir um modo de taxonomia especificamente ocidental e científica [...]. Para os nossos ouvidos, a noção de “espécie” mantém abertas questões-chave: como esses agentes entrelaçados se torcem uns aos outros com as suas próprias práticas de classificação, reconhecimento e diferenciação? Como diferentes tipos de ser são promulgados e sentidos, nesse fluxo contínuo de ir e vir de agências em mundos multiespécies? (VAN DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER, 2016, p. 38).

Claramente essa proposital (in)definição amplia a possibilidade a variedade de espécies e legitima todos os formatos de vida multifacetada, desqualificados em diferentes âmbitos da ciência e da ações humanas até o momento. O que os autores dedicados a teoria das multiespécies apontam são as novas formas de alianças com outros grupos humanos e também com outros reinos que aparecem como desafios contemporâneos em diversos âmbitos e áreas. A afirmação inicial de Van Dooren, Kirksey e Münster (2016, p. 36) dos *Estudos Multiespécies* - “todos os seres vivos emergem e fazem suas vidas dentro de comunidades multiespécies” - permite compreender a ampliação que ocorre nesse contexto relacional de comunicações interespecíficas e anti-antrópocêntricas que vêm se estabelecendo entre humanos e não humanos e que se expressam também nas relações e arenas do cotidiano.

Um novo modelo de família, por exemplo, toca essa discussão e tem sido revisto por especialistas. Inclui, além dos pais e filhos, os laços afetivos que unem humanos e seus animais de companhia, especialmente os cães e gatos. Seguindo uma tendência mundial, a perspectiva é que 60% dos lares no país têm cães como animais de estimação configurando-se como uma família multiespécie. A veterinária e psicóloga Ceres Berger Faraco⁸ aponta a Antrozologia como nova área do conheci-

⁷ Felipe Süssenkind (2018) destaca os *Estudos Multiespécies: cultivando artes de atenção*, publicação organizada por Thom Van Dooren, Eben Kirksey e Ursula Münster, em 2016, que faz um apanhado do campo de estudos reunido sob o escopo dessa expressão e apresenta os desdobramentos, limites e tensões implicados no debate recente em torno do tema.

⁸ As informações oferecidas pela veterinária e presidente da Associação Médico-Veterinária Brasileira de Bem Estar Animal, Ceres Berger Faraco, estão disponíveis em: <<https://psicologiaanimal.com.br/familia-multiespecie-e-ten>

mento que estuda as interações entre seres humanos e animais que tenta explicar as diferentes teorias para os laços cada vez mais fortes entre pessoas e bichos.

Entre as explicações científicas levantadas por Faraco, está a Teoria da Biofilia, desenvolvida pelo biólogo norte-americano Edward Osborn Wilson que se dedicou a estudar as relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza buscando alterações significativas na percepção e representação dos elementos naturais ao longo do seu percurso evolutivo. A Hipótese da Biofilia fundamenta-se na existência da necessidade humana de se relacionar com a natureza, sejam plantas ou animais, como meio de promoção de bem-estar biopsicossocial, vinculando tal relação com a sensação de paz e tranquilidade (ZANATA et al, 2019). Seguindo tal teoria para discutir a Antrozoologia, Wilson observa que os humanos aprenderam a avaliar o ambiente a partir da presença de animais de estimação que quando estão tranquilos, influenciam-no positivamente. Assim, Faraco percebe que os bichos continuam sendo indicadores da situação do ambiente, assim como eram nos agrupamentos pré-históricos da humanidade.

A Teoria da Biofilia embasa tratamentos que utilizam cães (entre outros animais, como no caso da equinoterapia) como recurso terapêutico para ajudar pessoas com depressão, Alzheimer e autismo, por exemplo, com diversos benefícios físicos, psicológicos e sociais. A ONG Patas Therapeuta oferece cães para auxiliar no tratamento de diversas enfermidades e mostra o perfil necessário para esses animais:

Cães de terapia devem ser extremamente sociais com pessoas (...) Eles devem se sentir à vontade na companhia de estranhos, procurando o contato e a interação com eles, e demonstrando alta tolerância e confiabilidade (...) Eles devem ser bem socializados com outros cães (...) Conhecer os comandos de adestramento básico também é um pré-requisito, já que o cão precisa responder prontamente aos comandos: Senta, Deita, Junto, Aqui e Fica (...) Logicamente, não se espera que o animal aja como um robô, afinal, é um ser vivo e portanto, imperfeições são até certo nível toleradas, desde que não comprometam o andamento do trabalho. Estes cães não pulam nas pessoas, não latem em demasia, e também não são ansiosos e movem-se com tranquilidade, sem agitação. Assim, a postura calma e comportamento dócil e submisso, assim como um adestramento bem feito são pré-requisitos que o candidato a cão terapeuta deve ter (ESCOLA, [2020])

Outra teoria levantada por Faraco no site supramencionado, que pode explicar a crescente formação da família multiespécie, é a Teoria do Apego, desenvolvida a partir das pesquisas em Etologia, área que estuda o comportamento animal. Seu fundador, Konrad Lorenz, afirma que nas relações intra e interespécies acontece o fenômeno do *imprinting*, ou seja, a primeira memória afetiva marcada no cérebro do animal recém nascido é relacionada ao primeiro ser vivo que o acolhe nesse momento ou durante a fase inicial de sensibilização. Com bases etológicas e psicanalíticas, John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, pela qual os seres humanos e não humanos precisam ter alguém de referência para crescer e se desenvolver e esse apego mútuo é observado

dencia-mundial/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

também entre seres humanos e bichos. A convivência com os animais é fundamental, para a construção da personalidade, com influência direta inclusive no desenvolvimento infantil.

Por fim, a médica veterinária destaca os sentimentos de cooperação, fidelidade e veracidade na convivência entre seres humanos e animais como estratégia para enfrentar os desafios da sobrevivência:

Humanos e animais de companhia são seres gregários(...) ambos gostam de estar em companhia um do outro, além de que os bichos oferecem suporte para a sobrevivência das sociedades. No mundo atual, onde são incentivados o individualismo, a perda de laços familiares e a solidão, a presença dos animais serve como apoio social, fortalece o sentimento de que somos pertencentes, amados, e absolutamente necessários para alguém (...). Enquanto os humanos podem dissimular sentimentos, os animais, especialmente os cães, são claros na manifestação de seu amor incondicional (FARACO, s/p).

Existe uma ambiguidade na relação entre obediência e incorporação de cães no espaço íntimo social. Os bichos, nesse espaço, muitas vezes, têm acesso a um tipo de atenção que outros humanos não recebem, como mostram Pessanha e Portilho (2008) ao analisar em seu estudo os laços criados com os *pets*:

Tudo isso pode ser facilmente representado através de expressões comuns ao vocabulário de donos de cães e gatos, os mais comuns dentre os animais de estimação – “meu melhor amigo”; “amor verdadeiro”; “só falta falar”; “é quase gente” –, além de diversas atitudes de demonstração de extrema afetividade, tais como conversar com os animais, chamar de filho, abraçar, beijar, cuidar, dar presentes, fazer festas de aniversário, etc (PESSANHA; PORTILHO, 2008, p.2).

Carvalho (1997), citado por Pessanha e Portilho (2008), endossa outra função dos animais de estimação – as trocas de afeto – já que “nas cidades, estes animais já não tinham suas funções de trabalho e caça como necessárias; já não precisavam ser úteis à atividade humana, bastava serem úteis à afetividade humana” (2008, p. 2). No atual quadro de pandemia, o ator britânico Anthony Hopkins ilustra bem essa troca ao publicar em sua rede social um vídeo onde aparece com seu gato Niblo no colo, tocando piano: “Niblo está garantindo que eu fiquei saudável e exige que eu o entretenha em troca...gatos...”⁹.

A humanização dos cães criou uma indústria de profissões específicas para atender demandas inexistentes antes da época moderna. A proximidade com os seres humanos e esse processo de antropofomização fez surgir atendimentos e necessidades que antes eram exclusivas para humanos. A revista *O Cão Moderno*¹⁰, por exemplo, apresenta como resolver problemas caninos que lembram demandas infantis: como tratar seu cachorro hiperativo ou submisso demais? Entre as soluções oferecidas estão exercícios, dietas e massagens. A publicação especializada também oferece possibilidades

9 Mensagem postada no Twitter do ator @anthonyhopkins no dia 20 de Março de 2020.

10 Revista *Cão Moderno*. Disponível em: <https://modernodogmagazine.com> Acesso em: 16 mar. 2020.

de fazer *booking* fotográfico dos animais, ou seja, além de suas inúmeras funções, cães também geram emprego e sobrevivência para artistas.

A relação entre arte e cães pode ser filosófica e performática e parece trazer à tona a ambiguidade da relação de poder/ afeto.

5 A arte e o estado canino de ser

Diógenes de Sinope (c. 400 d.C.), um dos mais conhecidos e subversivos filósofos gregos, projetava sua vida como uma forma de filosofia e vivia nas ruas de Corinto e Atenas. Ele se autodenominava como “o cachorro” e realizava atos que tinham o propósito de subverter o sistema cotidiano, o modo de agir/viver/pensar hegemônico. Por esse motivo, McEvelley (2005) o considera o precursor da arte da performance. A identificação com um “estado de cachorro”, usando suas palavras, apresenta uma ambiguidade de um estado inferiorizado, porém com uma potência subversiva.

Alguns artistas de performance contemporâneos se nutrem dessa mesma ambiguidade. Em 1968, os artistas Valie Export e Peter Weibel realizaram nas ruas de Viena a performance *From the Underdog file*. Weibel andava de quatro sendo conduzido pela Export por uma coleira, sob uma situação que coloca o homem numa relação de inferioridade e obediência, invertendo a condição feminina de subjugação ao masculino. Também emerge da performance o ser humano como animal.

Outro artista que explora essa relação é o russo Oleg Kulik que performa nu e preso por uma corda, atacando, latindo e mordendo quem passa, assustando agressivamente o seu público. Em algumas performances, o artista pratica um ato sexual com um cão. A cena é violenta e chocante, uma vez que os acordos sociais e civilizatórios são provocativamente rompidos. Para o artista, essa condição é um protesto contra o regime desumanizado da Rússia. A performance assume uma dimensão negativa da condição animal sob o julgamento e o rebaixamento do ser humano que age a partir dos seus instintos irracionais. Kulik menciona que a União Soviética é um lugar desumanizado e, por isso, ele decidiu deixar de ser uma pessoa e tornar-se um animal – na esperança de voltar a ser humano em algum momento.

O fotógrafo William Wegman explora intensamente, desde os anos 1970, a relação com seus cães em suas poéticas artísticas. O artista ficou conhecido pelas fotografias de seus cachorros de raça Weimaraner vestidos de humanos¹¹. O trabalho de Wegman passou por uma transformação fundamental explicitada por ele mesmo em entrevista a Kauffmann (s/d; s/p):

¹¹ A tradição dos cinocéfalos (imagem de humano com cabeça de cão) é milenar. Porém, tem sentidos diferentes para cada civilização: por exemplo, a figura mítica de Hórus no Egito difere da imagem do monstro híbrido na Idade Média ou da imagem do selvagem não ocidental cristão da época do início das navegações.

Com o tempo, comecei a me preocupar com a aparência das fotografias e achei que isso era uma contradição entre minha motivação real inicial e o resultado final. Portanto, houve um momento em que percebi que deveria **fazer coisas** para a câmera em vez de **encontrar coisas** para a câmera. Essa foi uma diferença fundamental; esse foi um momento do manifesto 'eureka' (KAUFFMANN, s/d, s/p, grifo nosso).

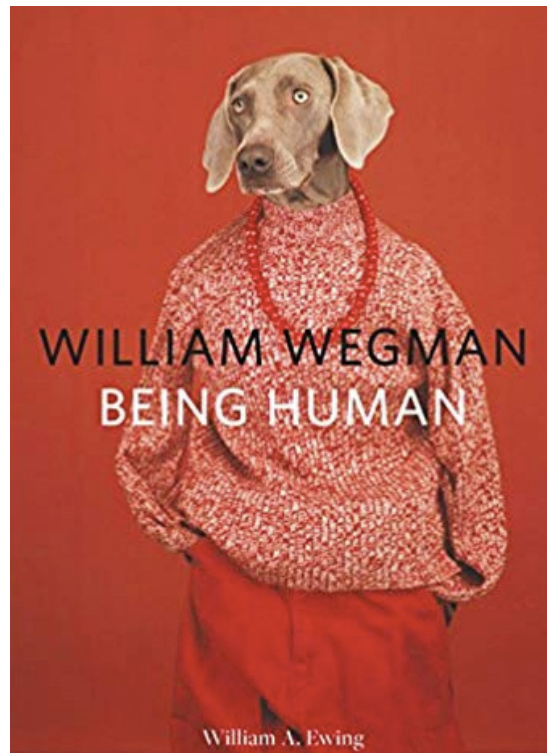


Figura 5 – Capa do livro Being Human, de Willian Wegan¹².

Para Wegman, na entrevista à jornalista, a personalidade dos cachorros revela-se na frente da câmera. Seu cão Man Ray quando é conduzido a pousar torna-se calmo e interessado e a mesma coisa é válida para Flo e Topper que adoram no centro das atenções. A fronteira entre o humano e a raça Weimaranense entrou em nova fase diretamente influenciada pela relação artística. Wegman relata nessa entrevista que a raça ficou muito popularizada pela exposição de seus trabalhos de arte na mídia no EUA. Como resultado, as pessoas estavam passando a adquirir mais cães Weimaranenses. O caso dos weimarenses é exemplar porque a interação artística causou uma mudança existencial real na raça dos cachorros. É um exemplo de como a colaboração entre cães e artistas pode causar mudanças efetivas na vida de outras espécies.

O uso cinocefálico de Wegman desnaturaliza os comportamentos humanos criando um efeito de estranhamento humorístico. De certa forma, os cachorros vestidos com roupas humanas tornam as situações apresentadas artificiais e teatralizadas, uma vez que o vestuário aparece como um elemento estranho sobre seus corpos, ao mesmo

¹² Imagem disponível em: <<https://www.amazon.com.br/William-Wegman-Being-Human/dp/1452164991>>.

tempo em que realça a personalidade do cachorro para outro nível de expressividade pós- não humana.

Essa qualidade é ainda mais ressaltada quando as imagens são colocadas em espaços públicos, como no caso do projeto realizado em 2018 na estação de metrô 23^o. Street, em Nova York realizado como um mosaico de ladrilhos sobre as paredes. Nessa inserção, o cotidiano da vida urbana e os valores e comportamentos sociais confrontam-se diante da expressão *blasé* não humana da raça weimareense, revelando uma inteligência social dos cães discutida abaixo.

6 A inteligência social dos cães

Atualmente, encontramos no planeta 200 mil lobos selvagens e 400 milhões de cachorros domesticados (HARARI, 2018). Esses números mostram que a convivência entre espécies iniciada desde os tempos pré-históricos acabou por garantir a proliferação da espécie domesticada.

A parceira humano-canina começou 40 mil anos atrás e chega hoje a uma condição na qual os cães recebem funções compensatórias e posições privilegiadas, manifestações da incapacidade da nossa sociedade em providenciar alternativas à solidão inerente a vida moderna urbana. Dentro dela, muitas vezes, o lazer com os cachorros é a única convivência social que, com frequência cada vez maior, leva os bichos até nossas camas e os tornam ouvintes de um monólogo quase filial (HARE; WOODS, 2013).

Pessanha e Portilho (2008) citam uma pesquisa do IBGE sobre hábitos de consumo de domicílios da região de Grande Méier, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados mostram como a preferência por ter um *pet* repousa em demandas sociais por companhia, afeto e diversão. O estudo das autoras cita uma tendência denominada por Krzysztof T. Konecki (2007) de antropoformização sentimental que se manifesta através das seguintes condutas com o *pet*: utilização de roupas e/ou adornos; uso de assessórios e/ou brinquedos; oferta de guloseimas especiais; permissão de circulação irrestrita no domicílio e participação em viagens e festas.

O livro de Brian Hare e Vanessa Woods (2013), *The Genius of Dogs: dogs are more intelligent than you think*, revela experimentações com cachorros denominadas de "Dog-nition" (cognição dos cães). Os autores remetem a uma plataforma virtual participativa para pesquisa sobre a psicologia dos cães que foi gerada na *Duke University*, no Texas, EUA, e que se propôs a testar especialidades cognitivas através de dez jogos avaliativos que cada dono de cachorro podia executar em sua casa. Foram avaliados mais de 30 mil cães e reveladas suas capacidades de memorização, de resolutividade de problemas, de empatia, esperteza e entendimento.

Hare e Woods (2013) destacam duas qualidades fundamentais nos cães: sua capacidade mental e sua capacidade de tirar conclusões de forma espontânea. Para os autores, a habilidade de “ler intenções” humanas foi fundamental para a evolução e o convívio social entre humanos e cães. Esses resultados problematizaram as abordagens tradicionais sobre a evolução de espécies. Em relação a inteligência dos animais, os autores enfatizam a importância de especificar que tipo de inteligência e ferramentas específicas são usadas por cães para resolver problemas específicos e destacam também a habilidade comunicacional dos cães. Os cães, diferentes dos filhotes de lobos, já numa idade muito jovem, conseguem interpretar gestos e aprendem centenas de comandos e palavras, aproximando-se dos processos de aprendizagem infantil. Ou seja, os autores mostram que os cães são animais sociais e neles podem ser identificados os resultados de um longo processo de domesticação sob o qual a espécie aprendeu a nos manipular para ser amada.

7 Provoações finais

Ossos do Ofício propõe uma experiência particular no campo das Artes Visuais e uma reflexão sobre facetas da relação entre humanos e não humanos. O evento permitiu explorar uma condição do cão/artista/performer explorada como ambígua, multifacetada e humorística.

Os elementos da submissão, dominação, afetos e jogo de poderes, sob as facetas de uma comicidade trágica que envolve a condição do artista contemporâneo, foram experimentados em tempos de desmonte cultural e tensão entre artistas e o atual governo brasileiro. Sob um estado de censura e desmantelamento do aparato cultural e a influência de lideranças religiosas e autoritárias sobre as instituições culturais públicas e sobre o Estado, a associação cão/artista ironiza a obediência e a servidão esperada da classe/espécie artística. Afinal, quem vai assumir os ossos desse ofício?

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E; PELED, Y. Socially Engaged Art as a Methodological Strategy in Social Science. **International Journal of Contemporary Sociology**, v.52, p. 167 - 188, 2015.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp. 39-66, Dez. 2016.

ESCOLA cães de intervenções. São Paulo: Patas Therapeutas, [2020]. Disponível em: <http://patatherapeutas.org/novo/escola-caesterapeutas/> Acesso em: 9 de Dezembro de 2021.

FOUCAULT, M. Introdução a Vida Não Fascista. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, (s/p).

HARARI, Y.N. **Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: Sapiens L&PM Pocket, 2018.

HARE, B.; WOODS, V. **The Genius of Dogs**. London: Penguin Book, 2013

HOUDART, S. Humanos e Não Humanos na Antropologia. **Ilha**, v. 17, n. 2, p. 13-29, 2015.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

IRWIN, A. *Sociology and the Environment. A critical introduction to society, nature and knowledge*. London: Polity Press, 2001.

IRWIN, A. *Ciência Cidadã*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

KALOF, L. **Looking at Animals in Human History**. London: Reaktion Books, 2007.

KAUFFMANN, S.. **William Wegman: how a coin toss sent art to the dogs**, s/d. *Modern Dog*. Disponível em: <<https://moderndogmagazine.com/articles/william-wegman/47123>>. Acesso em: 3 fev 2020.

KLEIN, K. **Art&laughter**. New York: I.B.Tauris & Co Ltd, 2007.

KONECKI, K, T. Pets of Konrad Lorenz. Theorizing in the social world of pet owners. **Qualitative Sociology Review**, v.3, n. 1, p. 110-27, 2007.

McEVILLEY, T. **Art & Discontent: Theory at the Millennium**. New York: Editora McPherson & Company, 1991.

PELED, Y.; VALENTE, M. [**Mensagem instantânea on-line**]. Destinatário: Vários. [S. l.], 2019. 1 mensagem de texto.

PESSANHA, L.; PORTILHO, F. Comportamentos e padrões de consumo familiar em torno dos "pets", 2008. **Anais....V Encontro Nacional de Estudos do Consumo Novos Rumos da Sociedade de Consumo**. Disponível em: <http://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/03/enec2008-lavinia_pessanha_fatima_portilho_consumo_pet.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

SÜSSEKIND, F. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 159-178, 2018.

ZANATTA, A.A.; ROBIRAN, J. S-J.; PERINI, C.C; FISCHER, M.L. Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. **Saúde debate**, v.43, n.122, p. 949-965, 2019.

ZIV, A. **National Styls of Humor**. New York: Greenwood Press, 1988.

> **Ossos do Ofício: multi-species anthropology**

Abstract >

The event *Ossos do Ofício* held in Contemporão SP, in September 2019, presented dogs named with artist names and provided a live encounter between dogs and humans. The event provided an opportunity for a meeting that will be discussed here from the perspective of the Multi-species Anthropology and the human-canine bonding. A short debate about humor and socially engaged art also contribute to the discussion.

Keywords >

Multi-species; Participation; Performance.

> **Ossos do Ofício: la antropología de las multiespecies**

Resumen >

El evento *Ossos do Ofício* celebrado en el Contemporao SP, en septiembre de 2019, presentó una exhibición con perros con nombres de artistas y brindó un encuentro en vivo entre perros y humanos. El evento brindó la oportunidad de una reunión que se discutirá aquí desde la perspectiva de la antropología de las multi-especies e da relación humano-canina. Una breve discusión sobre el humor y el arte socialmente comprometida también contribuye a la discusión.

Palabras clave >

Multi-especies; Participación; Actuación.

*Recebido em 29 de julho de 2020
Aprovado em 02 de agosto de 2021*